

Raymundo Souza Dantas

Textos selecionados

Agonia

Meu pai, de um dia para outro, tornou-se a figura mais antipática do meu mundo, porque o via sem ânimo, sem um gesto de protesto diante de uma injustiça que sofrera. E D. Júlia, estranhando tanto quanto eu a sua atitude, fazia-lhe perguntas e mais perguntas, alarmada naturalmente com a situação a que nos vimos jogados. Ele, aniquilado, não parecia ter nenhuma iniciativa – ou não queria ter. Suas palavras eram mais as de um resignado. Reconheci nisso, como reconheceria minha mãe e todos os nossos possíveis parentes, um sinal de fraqueza.

- E afinal, qual foi a causa de tudo isso? – perguntara um daqueles nossos parentes.

Meu pai teria lhe gritado um palavrão, tenho certeza, se naquele momento não estivéssemos presentes eu e minha mãe.

(...)

Parecem vir de longe, os passos miúdos que ressoam do outro lado, no corredor em silêncio. Fico a esperar, escutando. Sem fazer ruído, as duas figuras irrompem no quarto e é Teresa quem fala:

- Lá está o nosso doente, doutor.

Se esse homem viesse em minha terra já teria sido surrado e de certo que posto fora de circulação. Sujeito ruim, em que não se deve ter confiança, e que não tem peias para abusar da boa fé de minha mulher. Com suas invencionices conseguiu prostrar-me neste quarto sufocante sem direito a sair e nem de olhar o céu e a paisagem. Esse seu sorriso me deixa tão irritado, que não tenho outra alternativa senão voltar-lhe o rosto. Ele se aproxima, seus dedos nojentos tocam em mim, tateiam o meu pulso. Pousam em minhas fontes. Murmura para Teresa:

- Está febril, Teresinha.

Como me dói vê-lo pronunciar o nome de minha mulher com essa familiaridade. Teresinha. Amigos da infância, que estudaram juntos e hoje...hoje... Oh, não devo pensar semelhante coisa de minha mulher. E por que não? Branca. De certo que não se sente satisfeita e, ter casado com um pelado como eu, ainda mais de cor. Mulato, irremediavelmente mulato. Coisa ignominiosa essa de mim para com Teresa.

(...)

Meu pai queria deixar encoberto, num esforço, o motivo de sua demissão. Fora demitido por ser mulato e pelo fato do novo chefe não admitir que um homem de cor seja alguém em algum lugar. Foi esse o maior golpe sofrido por meu pai. Mas

dele nunca se ouviu uma só reclamação e fugia até de falar do emprego perdido. D Júlia, não se conformando com aquilo, queria por força uma explicação. E ele, quando viu que não podia mesmo continuar guardando aquilo diante de D. Júlia, disse-lhe num tom amargo:

- Aconteceu uma coisa muito triste, minha velha. Não para mim, pois já esperava tudo neste mundo, mas para o Luiz.

Ouvia tudo aquilo do quarto contíguo. Aquelas palavras soaram-me estranhas e não havia, aparentemente, nenhuma significação e muito menos relação com a injustiça sofrida por ele. Hoje elas parecem soar, no mesmo tom amargo, mas com outro significado. Quando me recordo de meu pai esta cena me vem logo à memória. Ele foi um homem de caráter e irrepreensível nos seus julgamentos para com o próximo. O único homem que me impressionou vivamente, mas depois de trinta anos. Somente agora é que avalio todo o seu valor e compreendo todos os seus atos. A figura, antes antipática e seca, repete-se como a mais humana.

Trechos retirados da obra: *Agonia*. Curitiba: Editora Guairá, 1945.p. 10,11,12,16,17.

Reflexão dos trinta anos

XXXV – Caberia, aqui, uma indagação: que seria para um escritor da hora presente uma verdade mais urgente e profunda? A resposta implica uma série de sondagens, verificações, em sem-número de investigações quanto às tendências imperantes, ou às constantes registradas quer na obra, quer no comportamento dos escritores em voga, sejam eles jovens ou não. Depois de todas essas sondagens e verificações, podem as investigações resultar vãs, isto é, revelar apenas a ausência de uma verdade mais urgente e profunda. Quando reconheço que na arte de escrever há outra finalidade que ela mesma, e que por isso a ultrapassa, não me filio entre os que pregam dever o escritor colocar-se entre os que defendem um ideal político, e que somente dessa forma poderá desenvolver uma ação eficaz. A tarefa do escritor transcende à da defesa de ideais políticos, evidentemente, a não ser quando as liberdades individuais e coletivas estejam em perigo, e os valores que escolhemos para nortear nosso comportamento correndo o risco de serem comprometidos. Quando, por conseguinte, indago da existência de uma verdade mais urgente e profunda, tenho no pensamento mais a ideia de um clima, de uma atmosfera, de uma verdade enfim que não se pode definir, mas isolar, através da verificação do valor real das coisas.

Trecho retirado de *Reflexões dos 30 anos*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958. p. 29.

África difícil

Poderia apontar a minha experiência africana mais como uma aventura pessoal, o que ela realmente é, levando-se em conta a dimensão de alguns de seus aspectos. Na tentativa de estabelecer intimidade maior, na minha convivência de dois anos com o ganense, não precisei fazer-me negro entre negros, conforme pretendia alguém, para melhor compreender a alma do africano. Por motivos óbvios, não me seria difícil passar por um nativo, mas havia outros, sem qualquer relação com a cor e sim com o meu modo de ser e de ver as coisas, sendo como sou homem de outro mundo, que obstacularam-me a intimidade na medida do desejado.

Mas convivi realmente com o ganense, sentindo os seus problemas, que até certo ponto são problemas de outros africanos e também nossos, conhecendo as suas aspirações e angústias, participando do seu dia a dia, testemunhando os seus hábitos e costumes. Tudo isso, no entanto, como criatura de outro mundo, embora esse outro mundo se diga civilizado também pelo africano. Não estava, por isso mesmo, em ambiente totalmente estranho, nem poderia ser inteiramente impermeável às suas tradições e modos de vida.

Já se afirmou, com acerto, termos mais condutos com o mundo africano do que com qualquer um outro, apontando-se sobrevivências, familiaridades, problemas e reivindicações comuns. Foi, valendo-me desses fatos, que busquei intimidade maior, alcançando apenas comunicabilidade em que prevaleceu, como elemento aproximativo, não a minha cor nem a minha procedência, repito, mas o meu empenho em melhor compreender e julgar os fenômenos da nova África, em cujo panorama Gana desponta como o de mais amplas perspectivas desenvolvimentistas.

(África difícil, p. 14)

* * *

Domingo - A Universidade de Gana, vista assim à noite, parece suntuosa cidade abandonada, com alguns de seus edifícios fantasmagoricamente iluminados. Estive num deles esta noite, de onde acabo de voltar e onde jantei, na qualidade de convidado especial do professor O. A. Esta foi a segunda vez que ali compareci nessa qualidade, a primeira há mais ou menos um ano, também por gentileza sua para com o Embaixador do Brasil, a ele apresentado pelo leitor brasileiro Vivaldo Costa Lima. Naquela oportunidade, como nesta de agora, o ilustre professor ganense, reafirmando destemida oposição ao regime de Osagyefo, como é chamado Nkrumah, exclamou patético depois de ousadas e candentes críticas:

– Pobre destino o de Gana.

A impressão que me ficou, ao ouvir novamente as suas críticas e ao reexaminar a sua atitude, foi de que, faça o que fizer Nkrumah, a opinião de homens como o professor será sempre a mesma, jamais se modificará. Parece haver certo

ressentimento, da parte da elite intelectual, para com Osagyefo, talvez por ele os ter ignorado, ou por considerá-las incapazes da colaboração de que necessitava, ao lançar as bases de seu regime, e necessita agora para a sua grande obra administrativa e política. Pensando melhor, embora seja o professor representante típico dessa elite, de formação europeia e alimentada por princípios e escrúpulos que não podem ser levados em conta por um dirigente africano, diferencia-se um pouco dos demais, pois alguns dos motivos que o levam a esta oposição sem tréguas, melhor examinados, parecem procedentes. Contudo, muito do que o leva a lamentar Gana, não deveria ser objeto de críticas num país africano, pois tudo aqui é diferente, muito diferente – e tem que ser mais ainda diferente. Pareço ouvir, no silêncio e solidão de Tesano, a réplica do denodado professor:

– Tudo está muito bem, mas depende da direção que seja tomada.

* * *

Quando demos entrada no refeitório do "Akuafu-Hall", os estudantes que o superlotavam ergueram-se a um só tempo. Houve um murmúrio geral, voltando todos um olhar curioso para o Embaixador negro do país branco. O cortejo dos professores, do qual eu fazia parte como convidado especial, dirigiu-se lentamente para a high-table, enquanto eu relembraava pergunta que me fora feita há pouco mais de ano, quando ali estivera pela primeira vez. Após o jantar e depois da palestra no "Salão dos Mestres", fui levado ao pátio, sendo apresentado a alguns estudantes. Um deles, Kwesi Enu Ansah, que veio a ser meu professor de inglês e terminou como meu melhor informante sobre a vida e as coisas africanas, formulou-me pergunta que Vivaldo Costa Lima, servindo de intérprete, vacilou em traduzir:

– Não há discriminação racial no Brasil?

A presença do Embaixador negro não lhe parecera talvez prova da inexistência da discriminação racial e se assim pensou tinha razão. Nem a presença do Embaixador negro nem a mistura de brancos e pretos, na guarnição do "Custódio de Melo", que dissera ele haver visitado, quando da passagem do navio brasileiro pelo porto de Tema. Esperou minha resposta como se a sorte de alguma coisa que lhe fosse muito cara dependesse do que lhe dissesse eu. Em condições diferentes, sem a responsabilidade de que estava e continuo investido, seria fácil dar uma resposta. Dissesse o que dissesse, na qualidade de simples cidadão, representaria a opinião de um homem comum, entre setenta e sete milhões de brasileiros.

– Não precisa responder – fizera, diante do meu franzir de sobrolho.

E não voltou mais ao assunto. Eu, porém, quisera lhe pintar o quadro exato, sem tirar nem acrescentar, revelando-lhe a verdadeira fisionomia de meu país, nesse particular. Não seria dizendo que no Brasil todos têm a sua oportunidade que eu lhe provaria qualquer coisa. O meu intuito, também, não seria provar coisa alguma, mas apenas usar de sinceridade, fugindo de exhibir-me como exemplo. Pois foi a sua pergunta que, enquanto nos dirigíamos para a high-table, veio-me à memória. A pergunta de um ausente. Encontra-se Ansah em Paris, fazendo jus a uma bolsa de estudos concedida pela UNESCO. Deverá regressar à Gana dentro

de dois anos. Será, sem dúvida, um dos futuros dirigentes de seu país, pelo preparo a que se submete, pelo fervor com que discute os problemas e as necessidades africanas, pela paixão com que encara o futuro dos povos negros.

19, fevereiro - Continuam as decepções. Mais um que me falha, precisamente aquele em quem eu mais confiava. Não desejo, porém, ocupar-me aqui do assunto. O meu propósito é apenas registrar que não passa de drama o que todos consideram conquista: ser Embaixador. Da mesma forma que afastei de cogitação, nestas notas, quaisquer dos problemas da Embaixada, repito não desejar ocupar-me das decepções que tenho sofrido, de parte daqueles que, talvez por ser eu o Embaixador, procuram criar toda espécie de obstáculos em meu caminho, dificultando ainda mais o desempenho de funções que já são difíceis por natureza. O período, porém, que prometi a mim mesmo permanecer no posto eu o cumprirei – haja o que houver. Sei que não conto com quem quer que seja, no Brasil, que no Itamarati não tenho cobertura, que o Presidente da República nem se lembra de suas Missões em África, que ninguém nos atribui importância. Diante desse lamentável panorama, por que teimar em permanecer?

* * *

Felizmente, nem tudo é motivo de amargura. Recebo carta do Brasil, dando notícia dos estudos de meu filho Roberto. Foi um conforto, nesta manhã depressiva. Que Deus o ajude, e, por outro lado, que lhe tire da cabeça a ideia de ingressar na carreira diplomática. Sei o que sofrerá, por ser negro...

(*África difícil*, p. 36-40)

* * *

Considero o informe do Reverendo G. K. Nelson, sobre a comunidade brasileira de Acra, documento de maior importância, o primeiro produzido por um africano sobre uma comunidade fundada por escravos repatriados do Brasil. Ei-lo, em tradução de Gasparino Damata, que durante ano e meio funcionou como adido de Imprensa da Embaixada do Brasil em Gana, prestando relevantes serviços:

"Em Acra, capital de Gana, existe uma comunidade bastante respeitável, formada por diversas famílias originárias do Brasil. Segundo os historiadores, essa primeira leva de emigrantes brasileiros chegou aqui por volta de 1836, mas primeiro essa gente estabeleceu-se na Nigéria. Lá muitos se casaram com nigerianos, razão por que na Nigéria ainda hoje há famílias com nomes bem brasileiros. Por exemplo, os De Souza, os Peregrinos, os Da Costa. O chefe desta comunidade atendia pelo nome Mahama Sokoto, nome nigeriano, ou possivelmente nome brasileiro pronunciado e escrito à maneira da terra."

"Esses brasileiros falavam o português, mas entendiam e falavam o iorubá e o haussa, idiomas da Nigéria, e em Acra ficaram conhecidos por "Tá-bom", expressão que usavam amiudadamente. E por "Tá-bom", corruptela de "Está bom", são conhecidos até hoje."

"Segundo contam os mais velhos, os brasileiros ficaram de tal maneira encantados com a acolhida que tiveram em Acra, pela hospitalidade a eles dispensada pelos ganenses, que decidiram não mais voltar à Nigéria, Por sua vez,

o povo de Acra achou que os "Tá-bom" eram progressistas, de boa índole, trabalhadores e donos, até certo ponto, de cultura própria, e tudo fizeram para retê-los na capital. Por exemplo, algumas casas que os brasileiros construíram em Acra ainda se acham de pé, perfeitas ou em ótimo estado de conservação, sendo que algumas delas, até recentemente, serviam de residências (palácios) de alguns chefes tribais de Acra. Eles foram, na verdade, os nossos primeiros grandes arquitetos do passado, e foram também excelentes alfaiates. Até hoje, em Acra, são tradicionalmente respeitados como oficiais de corte e suas mulheres como excelentes costureiras."

"Os brasileiros eram pessoas de inteira confiança e por essa razão os filhos da terra lhes confiaram grandes pedaços de terreno cultiváveis. Neles fizeram hortas e plantaram manga, côco-da-Bahia, grande variedade de feijão e mandioca, que aqui passou a chamar-se cassava. E mais tarde, em sinal de reconhecimento por sua lealdade e dedicação, os grandes chefes tribais de Acra resolveram elevar um deles ao posto de Akuashong Tse, capitão encarregado de sete companhias no território Ga. Naquela ocasião, tanto o título como o posto só eram dados a pessoas que o mereciam por que eram importantes."

(*África difícil*, p. 45-46)

* * *

A Missão Especial seguiu viagem a 29 de abril de 1961, permanecendo em África até 29 de maio do mesmo ano, visitando Serra Leoa, Gana, Toga, Daomé, Nigéria, Camerun, Costa do Marfim, Guiné e Senegal. Nesse ínterim, fez o Presidente Jânio Quadros a indicação de meu nome para primeiro Embaixador brasileiro em Gana, indicação que foi objeto do maior sensacionalismo. Deu-se na manhã em que o Chefe do Governo concedia a sua primeira entrevista coletiva no Palácio' do Planalto, dirigindo-se ele a mim, ao fim das declarações, sorrindo com manifesta satisfação:

– Então, senhor Embaixador? Quero ação agressiva em seu posto.

Começou, então, o meu suplício, ou melhor dizendo, o meu drama. Tenho, ainda agora, presente ao espírito, as críticas e os reparos feitos à indicação do meu nome. Algumas delas amarguraram-me, porque inspiradas em preconceito racial. Recordo, como, na solidão de um apartamento em Brasília, procurei preparar-me o melhor possível. Trabalhei sem esmorecimento, fazendo uso de vasta bibliografia. Tive à minha disposição documentos e relatórios das mais variadas origens.

(*África difícil*, p. 51)

* * *

Sem data - Poucas noites livres, com o sem número de jantares diplomáticos. Assim mesmo aproveitei-as para algumas leituras, estando entre estas lendas tradicionais do oeste africano. Todas elas recolhidas de velhos narradores, veículo vivo das tradições e da história africana propriamente dita. Infelizmente, muito resta ainda a recolher, estando em sua maioria condenadas ao desaparecimento total, com a morte dos *griots*.

(*África difícil*, p. 79)

* * *

13, maio - Os últimos conflitos raciais ocorridos nos Estados Unidos estão comprometendo todo o trabalho realizado pelos diplomatas norte-americanos em África. As ocorrências registradas em Alabama vêm provocando incontido sentimento de revolta entre os africanos. Os governos africanos, como não podia deixar de ser, acompanham com vivo interesse o desenvolvimento das ocorrências nos Estados Unidos, ao mesmo tempo que permitem pronunciamentos os mais hostis àquele país e aos seus diplomatas.

(*África difícil*, p.92)

Trechos retirados de *África difícil: missão condenada* (diário). Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1965.